

Nobel defende *W* reforma total

Porto Alegre — O prêmio Nobel de Economia de 1986, James Buchanan, defendeu ontem para o Brasil uma reforma monetária "avassaladora" seguida de leis que permitam o fechamento de contratos em qualquer moeda. "Essa medida tiraria a pressão pela emissão de moeda, que é a base da inflação brasileira", disse Buchanan, que veio ao Brasil participar do "VI Fórum da Liberdade" na capital gaúcha. Buchanan disse desconhecer detalhes dos planos econômicos já aplicados internamente, mas elegeu a inflação como o principal problema enfrentado hoje no País.

Defensor da tese de que o Estado deveria ser punido toda vez

que gerasse déficit, ele acredita que ainda nesta década será possível mudar a Constituição norte-americana para incluir uma emenda neste sentido. "O déficit é imoral porque exige sacrifícios de todos, inclusive de quem não o gerou", afirmou. Ele acredita que se 34, dos 54 estados dos Estados Unidos, aprovarem a resolução que visa responsabilizar o Estado pelo déficit público, o Senado será obrigado a votar essa medida. Mesmo assim, Buchanan admitiu não saber através de que mecanismos se daria a punição ao Estado.

Liberdade — O Nobel de Economia de 1986 também pregou a redução do setor público na economia. "Nesse caminho, o Brasil está certo em privatizar e deveria até acelerar mais as vendas de empresas públicas", aconselhou. Segundo ele, a participação do Governo na econo-

mia deve ser mínima, tratando, entre outros pontos, de manter a unidade monetária. Ele recomenda essa retirada do Estado na formação do PIB, acompanhada de abertura das relações de comércio, mesmo em países com quadro social de miséria como é o caso do Brasil. "Essa liberdade econômica é a única forma de tirá-los da miséria", considerou, adiantando um dos pontos que irá defender para a platéia de empresários liberais que se reunirá no Fórum.

Ele reconheceu, no entanto, que "esse liberalismo" pregado pelas autoridades norte-americanas nem sempre é cumprido nas relações comerciais com outros países. "E veja que os economistas de Bill Clinton são ainda menos competentes no sentido de compreender esses princípios", afirmou, criticando a política protecionista do governo dos Estados Unidos.